

De coadjuvantes a protagonistas: a ascensão midiática dos jogadores de futebol no Rio de Janeiro – o caso do jornal *Crítica* (1928-1930)

From Supporting to Protagonists: The Media Rise of Football Players in
Rio de Janeiro – The Case of the *Crítica* Newspaper (1928-1930)

Euclides de Freitas Couto

Universidade Federal de São João del-Rei-Brasil
Doutor em História, UFMG
euclides@ufsj.edu.br

Tiago Augusto de Deus Nogueira

Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei/MG, Brasil
Mestre em História, UFSJ

RESUMO: O objetivo deste estudo é analisar as representações expressas na seção esportiva do jornal *Crítica*, editada por Mário Filho, entre os anos de 1928 e 1930. Nesse intento, buscamos identificar as transformações da pauta esportiva e da estética discursiva do jornal, articulando-as ao processo de popularização do futebol carioca, no final da década de 1920. Nossa hipótese é que no bojo desse processo, o jornal se converteu em um importante ator social, contribuindo para tensionar, na esfera pública, a questão da exploração dos futebolistas naquele período. Portanto, ao longo da análise, o jornal *Crítica* é tomado, simultaneamente, como fonte e objeto de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Jornal *Crítica*; Mário Filho; Exploração do trabalho; Futebol carioca.

ABSTRACT: The objective of the present study is to analyze the representations expressed in the sports section of the *Crítica* newspaper, edited by Mário Filho, between 1928 and 1930. In this way, the purpose of this work is to identify the transformations of the sports agenda and the discursive aesthetic of the newspaper, articulating them with the popularization process of the Rio de Janeiro football in the late 1920s. Our hypothesis is that in the midst of this process, the newspaper became an important social actor, contributing to tensing, in the public sphere, the issue of the exploitation of the soccer players in that period. Therefore, throughout the analysis, the *Crítica* newspaper is simultaneously taken as a source and object of this research.

KEYWORDS: Critica Newspaper; Mário Filho; Exploitation of Work; Carioca Football.

INTRODUÇÃO

Marcada por amplas transformações sociais e culturais, a década de 1920 pode ser considerada o período embrionário para as rupturas estruturais que ocorreriam nos anos seguintes. Durante esse processo, emergiram novos atores sociais oriundos da segunda onda de imigrantes europeus, que, gradativamente, compuseram a emergente classe operária.¹ No Rio de Janeiro, a então capital da República, o processo de industrialização, acompanhada pela intensa urbanização favoreceu o crescimento dos bairros periféricos que se desenvolveram, especialmente, em função do dinamismo imobiliário impulsionado pela instalação das fábricas. Além de se estabelecer como o principal entreposto comercial do país no início do século XX, a cidade concentrava um expressivo contingente de classes médias ligadas, especialmente, à burocracia estatal.²

A intensa e diversificada vida cultural carioca que floresceu especialmente no último quartel do século XIX, evidenciava que os ventos da modernidade haviam chegado definitivamente nas terras de São Sebastião. O turfe, um dos primeiros esportes a atrair a atenção dos cariocas, desde os tempos da chegada da corte portuguesa, no início do século XX dividia os holofotes com o remo e com o futebol. Não seria exagero afirmar que, dentre as atividades de lazer mais praticadas nessa época, o futebol despertava maior interesse popular ao apresentar-se como uma modalidade coletiva, normatizada por regras simples, praticado em vazios do espaço público, como também nas ruas, onde eram improvisados os campos de jogo.

É consensual na historiografia que a popularização e organização institucional do futebol brasileiro, especialmente nas grandes capitais, processaram-se *pari passu* à industrialização e ao crescimento urbano desses centros³ Na cidade do Rio de Janeiro, em menos de três décadas, campos improvisados que abrigavam aglomerações de pessoas em pé em seu entorno, foram cedendo lugar aos estádios cada vez maiores e

¹ LEVY. *A indústria do Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas*, p. 192.

² PINHEIRO. *Classes médias urbanas*, p. 31.

³ Há inúmeros trabalhos que ratificam essa tese, dentre eles destaca-se a obra de PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

mais confortáveis, que transformaram o futebol, inicialmente uma prática elitizada, em uma das formas de lazer mais consumidas pelas classes populares.

A modernização dos hábitos, fenômeno associado à urbanização e ao remodelamento dos espaços urbanos, ditava o ritmo frenético no qual a expansão dos esportes atraía a atenção de um público cada vez mais expressivo e socialmente diversificado. No bojo desses acontecimentos foi que a imprensa esportiva se tornou um dos atores centrais na dinâmica da mediação do futebol, fosse promovendo os jogos e as competições, fosse conferindo sentidos à sua prática e à sua espetacularização. Vale ressaltar que foi justamente ao longo da década de 1920, que a imprensa, incorporou novas técnicas literárias e jornalísticas passando a conferir mais espaço aos assuntos mais imediatos e da sensibilidade urbana, transformações que, evidentemente, favoreceram a ampliação e sofisticação do noticiário futebolístico.⁴

Assim como na esfera política, as relações que se estabeleceram entre as redações dos periódicos e as agremiações esportivas eram ajustadas por uma via de interesses recíprocos entre o poder e a representação social. Ao oferecerem visibilidade aos eventos, os dirigentes das ligas e os clubes viam nos veículos de imprensa um aliado necessário ao processo de popularização do esporte nos diferentes estratos da sociedade.⁵ A formalização dos convites por meio da imprensa era um tratamento corriqueiro, como podemos ver na nota em *A Imprensa*: “recebemos o gentil convite oficial da Liga Metropolitana de Sports Athleticos, para assistir aos torneios da presente temporada, assignado pelo prestimoso secretario Sr. Edwn E. Hime Junior, o qual agradecemos”.⁶ Outros periódicos, como a *Gazeta de Noticias*, usavam a titulação de órgão oficial da Federação Brasileira das Sociedades do Remo e da Liga Metropolitana dos *Sports Athleticos*.⁷ Munidos com um discurso laudatório e de linguagem extremamente formal, os veículos de imprensa operavam como verdadeiros aparelhos de propaganda das práticas esportivas e das próprias agremiações.

⁴ Couto. *A imprensa esportiva carioca*, p. 511.

⁵ MELO. *Causa e consequência*, p. 25.

⁶ *A Imprensa*, Rio de Janeiro, 2 maio 1908, p. 3.

⁷ *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, 28 mar. 1907.

No decorrer da década de 1910, os jogos de futebol realizados nos estádios transcorriam sob a forma de eventos sociais caracterizados por um código de valores e de postura, simbolizado pelo refinamento do seletivo público presente nos setores especiais das *canchas*. Naturalmente, a presença dos representantes da alta sociedade recebia destaque nessas seções dos jornais que, de forma corriqueira, enalteciam a cordialidade dos jogadores e a presença de personalidades ilustres, conferindo à cobertura esportiva ares de elegância e sofisticação, típico das colunas sociais.⁸

Todavia, nos anos posteriores, com o crescimento das cidades, do número de clubes, de praticantes e de espectadores ocorreram mudanças significativas tanto na dinâmica do jogo, quanto na composição das plateias que assistiam aos espetáculos futebolísticos. O aumento da competitividade dos jogos e do acirramento das rivalidades clubísticas, pautados pela imprensa, desde a década de 1910, despertaria, nos anos seguintes apreciações contrárias à prática do futebol. Exemplo dessa constatação pode ser verificado na matéria intitulada *O Football e a Criminalidade*, publicada no jornal *Correio da Manhã*. O texto sublinhava o clima de hostilidade e agressividade que permeava as partidas de futebol:

[...] e de como evoluiu, passando de sport a crime, de escola de disciplina à eclosão de instintos mãos. Quizemos mostrar, como esse espetáculo publico deprime o mais elementar sentimento do homem – a piedade, chegando o espectador a desejar que se mate o jogador do campo adversario ao da sua sympathia. Mostrámos que os jogos de football com o despuorado desregramento dos seus amadores em relação as decisões do árbitro vão se convertendo num pandemônio, cada um fazendo justiça por suas próprias mãos. Mas será irremediável tal déprimente situação? Fosse o football praticado por pessoas convencidas de que jogam de que se divertem, de que não estão fóra das leis do paiz e a severa actuação dos seus directores bastaria para seleccionar o problema.⁹

O fragmento acima, devidamente contextualizado no momento em que ocorriam as transformações sociais no perfil dos futebolistas, do público dos estádios e do nível de competitividade dos jogos, sugere que a popularização do futebol abriu espaço para formas de exaltação pouco condizentes com o perfil aristocrático que a prática possuía em seu período embrionário. A camaradagem e a congregação social

⁸SILVA. *Mil e uma noites*, p.51.

⁹ *Correio da Manhã*, 23 jan. 1923, p.5.

entre futebolistas e a plateia cediam espaço para as novas formas de torcer e de competir, acirradas pelo pertencimento clubístico e pelo falso amadorismo.¹⁰ Segundo a matéria, violentos e indisciplinados, os jogadores e espectadores que passaram a frequentar os estádios não tinham “civilidade” para manter o autocontrole e o respeito às convenções tácitas que regiam os espetáculos de futebol.

Tomando como ponto de partida esse fragmento histórico relativo ao cenário das transformações sociais processadas na década de 1920, como também os novos sentidos adquiridos pelos jogos de futebol na cidade do Rio de Janeiro, o objetivo desse texto é analisar as representações produzidas pelo jornal *Critica*, um dos diários com maior tiragem do país no final da década de 1920. Nossa hipótese é que nas páginas desse jornal reproduziam-se uma série de tensões presentes na tessitura social, em especial, no campo esportivo.¹¹ Ao incorporar inovações em sua estética gráfica e discursiva, como a inclusão de fotografias, de folhetins e de entrevistas que faziam ecoar os dramas pessoais e coletivos dos jogadores de futebol, o jornal se constituiu como um ator social privilegiado que contribuiu para o debate sobre a modernização das relações de trabalho no futebol carioca. Ao contrário dos anos iniciais do século XX, quando a imprensa cumpria a função de aliada das agremiações esportivas,¹² no final da década de 1920, ao dar voz aos futebolistas, expondo para o grande público a situação de exploração do trabalho, o jornal *Critica* inaugura, em certa medida, uma nova fase da imprensa esportiva carioca. A partir de então, a despeito das polarizações ideológicas as quais muitos veículos vão reproduzir, nota-se maior autonomia das redações, o que revela, em certa medida, o desenvolvimento do campo jornalístico.

¹⁰ Falso amadorismo, amadorismo marrom ou profissionalismo marrom são terminologias que designam as relações de trabalho que passaram a coexistir no futebol brasileiro entre o final da década de 1910 e o início da década de 1930. Nesse período, os futebolistas amadores que disputavam as partidas sem nenhuma ambição financeira, passaram a ser, gradativamente, substituídos por aqueles jogadores que trocavam sua *performance* futebolística – como força de trabalho - por benefícios econômicos, situação que transfigurou completamente a dinâmica do campo futebolístico em um curto espaço de tempo. Ver, por exemplo, SANTOS. *A revolução vascaína*, p. 169-248.

¹¹ A noção de campo, formulada por Pierre Bourdieu, é uma ferramenta heurística que nos permite compreender o *modus operandi* das diversas esferas sociais. No caso específico do campo esportivo, Bourdieu infere que o esporte é uma esfera que reproduz as tensões e cisões presentes nas demais instâncias da vida social, sem perder, necessariamente, a força da sua *doxa* e a dinâmica de interação dos seus agentes. Ver BOURDIEU, *Programa para uma sociologia do esporte*.

¹² MELO. *Causa e consequência*, p. 28.

Ao longo do processo que levou à popularização do futebol, percebemos em que medida a crônica esportiva disputou espaço com outros assuntos nas redações dos periódicos. O crescimento do segmento foi tensionado por lutas no interior do campo jornalístico,¹³ um espaço estruturado, dotado de lógicas e regras particulares e autonomia relativa em relação a outros campos sociais, conforme tentaremos demonstrar adiante por meio da análise dos fragmentos biográficos do jornalista Mário Filho.

No terreno metodológico, Victor Melo sugere que, na temporalidade em questão, os jornais não se restringiam a exercer apenas uma função informativa, mas ocupavam um espaço opinativo e mediador, se constituindo em uma arena pública.¹⁴ Desse modo, tivemos o cuidado de problematizar nossas fontes de forma que elas não se tornassem ferramentas ratificadoras de hipóteses. Em grande parte do trabalho com os jornais impressos procuramos localizar, quando possível, o mesmo tema em diferentes publicações. Essa estratégia nos permite confrontar os temas e observar as dissonâncias e aproximações entre o posicionamento dos redatores com o intuito de estabelecer o afinamento crítico necessário para avaliação do objeto de pesquisa, aguçando, assim, o rigor analítico. Nessa direção, Tânia Regina de Luca alerta que a fonte jornalística, não é apenas um repositório de informações, mas um documento que, ao ser veiculado, abarca escolhas, filtros e interesses que, ao fim e ao cabo ganharam publicidade.¹⁵ Nesse sentido, a análise das representações publicadas pelos periódicos requer um exercício de contextualização histórica no período em que foram produzidas de forma que sejam mapeados conflitos, tensões e interesses de toda espécie presentes no interior do seu copo discursivo.

“O FOLICULÁRIO CATASTRÓFICO DE MÁRIO RODRIGUES”

Durante o período da República Velha, no epicentro das acirradas disputas oligárquicas, os veículos de imprensa e as bases hegemônicas do poder local

¹³ BOURDIEU. *Sobre televisão*.

¹⁴ MELO. *Causa e consequência*, p. 24.

¹⁵ LUCA. *História dos, nos e por meio dos periódicos*, p. 140.

encontravam-se intimamente associadas. Como observa Nelson Werneck Sodré, uma das distinções predominantes neste contexto era a divulgação de ataques beligerantes entre opositores políticos nos jornais marcados por ofensas pessoais que chegavam a níveis de grande vulgaridade.¹⁶ Inserido nessas querelas políticas exasperadas, o pernambucano Mário Leite Rodrigues,¹⁷ destacou-se como um dos mais influentes jornalistas na oscilante política nacional. Com formação acadêmica em Direito e eleito deputado estadual em Pernambuco, Mário Rodrigues foi fundador e proprietário do *Jornal da República*, em Recife. De temperamento impetuoso, o jornalista utilizava os editoriais do periódico como um palanque de retórica hostil permeada de ataques pessoais contra seus adversários políticos. Em termos discursivos, a linha editorial de Mário Rodrigues estava sintonizada com a cultura política da República Velha, como aponta Sodré:

A linguagem da imprensa política naquele cenário era violentíssima. Dentro de sua orientação tipicamente pequeno burguesa, os jornais refletiam a consciência dessa camada para a qual, no fim das contas, o regime era bom, os homens do poder é que eram maus; com outros homens, o regime funcionaria às mil maravilhas, todos os problemas seriam resolvidos. Assim, todas as questões assumiam aspectos pessoais e era preciso atingir as pessoas para chegar aos fins moralizantes.¹⁸

Eram comuns as ofensivas de Mário Rodrigues contra os opositores saírem dos debates nas páginas políticas para os litígios pessoais que chegavam a temerárias tentativas de assassinato. Nesse cenário de extrema turbulência, no qual o jornalista observou o crescimento político dos seus rivais locais, foi que ocorreu a sua fuga para a Capital Federal, em 1916.

Já estabelecido no Rio de Janeiro, Mário Rodrigues ocupou o posto de redator do *Correio da Manhã*. Ganhando espaço no periódico, passou a exercer o cargo de diretor de redação, mantendo sua habitual postura enérgica nas coberturas políticas. Durante o pleito eleitoral entre os candidatos à presidência da República, Artur Bernardes e Nilo Peçanha, Mário Rodrigues chegou a ser preso por difamação. Nem mesmo o período de confinamento diminuiria a exasperação no tom

¹⁶ SODRÉ. *História da Imprensa no Brasil*, p. 324.

¹⁷ CASTRO. *O anjo pornográfico*.

¹⁸ SODRÉ. *História da Imprensa no Brasil*, p. 331.

oposicionista dos editoriais publicados por Rodrigues contra a chapa formada pelo mineiro Artur Bernardes e Epitácio Pessoa, originando discordâncias com Edmundo Bittencourt, proprietário do jornal *Correio da Manhã*.

Por essas indisposições, a contenda entre os jornalistas antecipou o pedido de demissão de Mário Rodrigues, que se valendo do nome já consolidado na capital Federal, investiu no lançamento de *A Manhã*, no ano de 1925. A constituição do diário rendeu a possibilidade de introduzir os filhos mais velhos na redação do periódico ao lado de colaboradores como Monteiro Lobato e Agripino Grieco.

Aos dezessete anos, Mário Rodrigues Filho, o terceiro filho da numerosa família Rodrigues, assumiu a função de gerente financeiro na empresa até passar a controlar a chefia na seção esportiva, o que segundo o biógrafo Ruy Castro suscitou no desgosto do pai que esperava um sucessor inclinado para reportagens políticas nos bastidores da Câmara dos Deputados. Ao invés do foco político, Mário Filho “resolvera assumir a página de esportes, a menos importante do jornal”.¹⁹

Ao longo de três anos quando as finanças do jornal e sua organização administrativa titubeavam, Mário Rodrigues necessitou abrir mão do controle acionista da empresa afastando-se da chefia do periódico diante de um temerário quadro de endividamento. Apenas quarenta e nove dias depois, com apoio dos filhos e de valorosos empréstimos cedidos pelo vice-presidente da República, Fernando de Melo Viana, o redator conseguiu assentar um novo jornal na praça: *Crítica*. Como o título já indicava, o matutino foi assinalado por uma linha editorial ainda mais atuante entre os jornais da época veiculados na capital federal. A primeira missão política de *Crítica* se resumiu em acompanhar a candidatura de Júlio Prestes à presidência. O “foliculário catastrófico”, como denominou Gilberto Amado, se notabilizou na imprensa carioca pelo ríspido teor crítico e denunciativo contido em suas matérias, atacando sem piedade seus adversários políticos.²⁰

Nessa conjuntura marcada pelo sensacionalismo e por virulentos ataques a adversários políticos, o jornalista Mário Filho pôs em curso nas páginas de *Crítica* as primeiras estratégias que visavam modernizar as páginas esportivas, transformando-as, em pouco tempo, nas mais lidas do periódico. Para Leda Costa, nas páginas de

¹⁹ CASTRO. *O anjo pornográfico*, p. 106.

²⁰ SODRÉ. *História da imprensa no Brasil*, p. 369.

Critica, Mário Filho deu mais agilidade e emotividade à linguagem do jornalismo esportivo, incorporando elementos estéticos do jornalismo policial, além de dar voz direta aos jogadores por meio das entrevistas.²¹

Não por acaso, *Critica* foi um dos jornais com maior tiragem no mercado editorial do Rio de Janeiro, entre novembro de 1928 e outubro de 1930. A explosão de vendas era um fenômeno para os padrões da imprensa da época: uma tiragem de 130 mil exemplares diários para uma cidade que possuía em torno de 1,5 milhão de habitantes e mais outros vinte jornais diários.²²

As frases “O Matutino de Maior Circulação no Brasil”, no plano superior da capa e “Declaramos guerra de morte aos ladrões do povo”, abaixo do frontispício, indicavam as tendências das apreciações que caracterizavam os ataques contra os chamados “inimigos públicos” declarados, nas pautas do editor-chefe, Mário Rodrigues.²³ O jornal era diagramado em oito páginas diárias e possuía a edição especial aos domingos. As três primeiras folhas eram reservadas aos editoriais e ao noticiário político. Na sequência, a quarta e a quinta lauda destacavam os temas esportivos, com predomínio de manchetes e reportagens ligadas ao futebol, inserções das lutas de boxe, e outros eventuais acontecimentos esportivos da cidade. As últimas páginas eram destinadas ao boletim policial, marcado por extremo sensacionalismo.

A despeito da linguagem truculenta e de teor sensacionalista, não se pode colocar em xeque a qualidade e o apuro jornalístico dedicado em outras seções na redação de *Critica*, pois o jornal possuía uma cobertura detalhada da vida cultural e contava com colaboradores renomados no campo das Letras.²⁴

Ao longo dos dois anos da veiculação de *Critica*, Mário Filho coordenou a modernização das páginas esportivas que eram veiculadas diariamente no periódico. Com carta branca para comandar o processo de criação, apresentou um material moderno e ousado em relação aos outros diários cariocas. Ao perceber as demandas jornalísticas no período da popularização do futebol, substituiu as tradicionais terminologias de origem inglesa pelo uso da linguagem coloquial em

²¹ COSTA. *As pegadas douradas do sensacionalismo no esporte*, p. 70.

²² CASTRO. *O anjo pornográfico*, p. 67.

²³ *Critica*, Rio de Janeiro, 14 abril 1929, p. 1.

²⁴ Cf. OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. *Campeão da virulência*.c.2011. Disponível em: <https://bit.ly/3oTn84f>. Acesso em 22 set. 2019.

língua portuguesa, revelou a importância de trazer ao público os bastidores que antecediam as partidas e ainda incluiu a cobertura das excursões dos clubes brasileiros no exterior. Além disso, incorporou entrevistas realizadas com os futebolistas, cedendo a eles um importante espaço de mediação com o grande público. Com essas expressivas variantes na composição da página, os redatores de *Critica* elegeram o futebol como o carro-chefe das páginas esportivas, acompanhando os campeonatos organizados pela liga local e nacional, sem, no entanto, desprezar a cobertura de outras modalidades como o boxe, o turfe, o remo e a luta livre.

No aniversário de um ano do matutino, os próprios editores destacaram a importância e a popularidade da seção esportiva de *Critica*, exaltando-a em um dos artigos publicados na edição comemorativa:

Porque a nossa pagina de sports é o café da manhã de todos os “sportmen”. CRITICA é hoje indispensavel para aquelles que se empenham na vida da “cancha”. A nossa pagina sportiva tão nova, palpiante, emocionante, proporciona a quantos a têm um momento de alegria [...] A “caravana” detective de cem mil olhos, multiplica-se, faz milagres, arrosta perigos, para apresentar, no dia seguinte, quer nas columnas de sport ou de policia, ou ainda de política, as mais sensacionaes e empolgantes reportagens. E todos os seus esforços, a sua atividade infernal, o seu movimento vertiginoso, tem um premio inexcédível, quando o leitor ávido, sacia a sua curiosidade nervosa, feroz [...]. Os mais legitimos e destacados representantes de foot-ball brasileiro vieram à nossa redacção [...] os grandes homens de nossa cancha fizeram varias saudações à CRITICA e ao chefe da “Caravana” sportiva, que é Mario Filho.²⁵

Além de apresentar a página esportiva como inovadora, a citação demonstra como suas temáticas articulavam com as estratégias investigativas análogas às colunas policiais e políticas. Outro destaque que chamava atenção em *Critica* era a exuberância na concepção gráfica, obra do ilustrador paraguaio Andrés Guevara.

As formulações desenvolvidas por Boris Kosoy nos levam à compreensão da validade dos registros fotográficos apresentados nas páginas de *Critica* como uma fonte complementar na elucidação do passado.²⁶ Ao serem vinculadas ao processo de modernização gráfica do periódico, as imagens editadas em *Critica* ofereciam, em

²⁵ *Critica*, Rio de Janeiro, 22 nov. 1929.

²⁶ KOSOY. *Fotografia e história*, p. 32.

perspectiva, detalhes do cotidiano dos atletas, cenas de entrevistas com a participação do redator-chefe e ações no campo de jogo. As fotografias publicadas na seção esportiva, e, em alguns exemplares, no primeiro plano da capa do periódico, realçavam a interação visual dos bastidores do noticiário esportivo com os leitores.



Fig. 1 - Exemplo das inovações na estrutura gráfica promovidas em *Crítica*.
Fonte: *Crítica*, 16 nov. 929, p. 1.



Fig. 2 - Cenas cotidianas de um jogador e a presença do entrevistador (Mário Filho, de branco à esquerda). Fonte: *Crítica*, 7 set. 1929, p. 4.

Entre as principais inovações incorporadas ao projeto gráfico e discursivo de Mário Filho, destacam-se a introdução da voz ativa dos futebolistas no espaço do debate esportivo. Por meio das entrevistas elaboradas pelo cronista, os leitores poderiam conhecer, por meio de abordagens do cotidiano, o perfil dos futebolistas cariocas através dos flagrantes da vida privada. Essa estratégia visava aproximar o público leitor da vida privada dos jogadores, o que poderia, simultaneamente, contribuir para elevar os níveis da idolatria, além de conferir centralidade à figura do jogador de futebol.

Como é perceptível ao longo da análise dos exemplares de *Crítica*, a exploração das técnicas empregadas nas páginas policiais do jornal, aliada aos “furos” de reportagem, entrevistas exclusivas e flagrantes fotográficos dos jogadores, constituíam-se em aspectos centrais nas temáticas da inovadora cobertura elaborada pelo periódico. Foi justamente a junção desses elementos que rendeu sucesso ao matutino e a consequente projeção do seu redator no campo jornalístico carioca. Logo após a boa repercussão do seu trabalho em *Crítica*, Mario filho foi convidado a assumir a coordenação do caderno esportivo do jornal *O Globo*.

“MEMÓRIAS DE UM JOGADOR DE FOOT-BALL” E O “MARECHAL DA VITÓRIA”

Em abril de 1929, *Crítica* reproduziu, ao longo de quinze edições, no formato de folhetim, uma série intitulada “Memórias de um Jogador de *Foot-ball*” ou “As Aventuras de um profissional clandestino”. Tratava-se de um conjunto de narrativas ficcionais nas quais era dramatizada a tensa relação entre jogadores e clubes, que buscavam descrever os bastidores do período do falso amadorismo no futebol carioca. O folhetim era apresentado como um romance de “episódios interessantíssimos, onde são postos a descoberta todos os episódios vividos nos bastidores do sport, que, muitas vezes, nem mesmo as vozes dos cafés, que tudo sabe, que tudo informa tomou conhecimento. São páginas passadas de ironia, de sentimentos, de tudo em suma”.²⁷

²⁷ *Crítica*, Rio de Janeiro, 13 abril de 1929, p. 5.

Segundo o jornal, os fragmentos teriam sido escritos especialmente para *Crítica*, por D. Antonio I, “ex-rei da bola”, um personagem que teria experimentado o sucesso e a decadência durante onze anos dedicados ao esporte. D. Antonio representava o papel do “profissional clandestino”. Apesar de nenhum autor assinar a obra, é possível especular que os nomes dos jogadores, clubes e dirigentes, eram criações de Mário Filho, que tinham como referência as experiências dos falsos amadores do futebol brasileiro. Em tom irônico e crítico, o cronista compunha o cenário narrando as memórias de um ex-jogador que chegou a ser “Imperador da pelota” e terminou ocupando a vaga de roupeiro do time. Circunstâncias que, possivelmente, representariam o *tipo ideal* dos jogadores amadores cariocas.

Em nossa pesquisa, encontramos o último tópico do romance indicando uma continuação, mas infelizmente, “Memórias de um Jogador de *Foot-ball*” foi subitamente cancelado sem nenhuma justificativa dos editores de *Crítica*. Apesar do repentino encerramento, a criação de Mário Filho foi inovadora ao descrever, em linguagem literária, as condições de trabalho a que eram submetidos os falsos amadores no futebol carioca. D. Antonio I era a personificação dos ídolos efêmeros no esporte. Um centroavante que experimentou a adulação nos bons tempos e o abandono no final da carreira, sendo relegado à condição de roupeiro no clube ao qual foi protagonista e vivenciou tantas glórias. Em seu exercício de rememoração, o jogador relatava que o futebol era a única atividade que importava em sua vida: havia deixado todas as suas atividades, inclusive os estudos para se dedicar ao esporte. Bastava dedicar-se à agremiação e por ela seria alimentado, receberia roupas, os mais caros charutos, além de frequentar as melhores festas que a fama decorrente da atividade futebolística poderia proporcionar.

A narrativa minuciosa aborda a troca de equipes protagonizada pelo personagem do folhetim. Ele deixara um modesto clube do subúrbio para jogar em uma equipe aristocrática da zona sul da cidade. Como moeda de troca à exploração do *capital futebolístico* dos jogadores, os dirigentes ofereciam empregos em suas empresas, órgãos públicos e outras vantagens, além do *glamour* das festas e cerimônias promovidas da elite carioca: “Offereço-lhe maiores vantagens. Tenho

para o senhor um emprego de quinhentos bagos e otras cositas más [...]”.²⁸ Embora a maior parte das promessas não fosse cumprida, as ofertas sempre seduziam os melhores jogadores que se sujeitavam ao modelo de “leilão” adotado entre os gestores dos clubes. Não por acaso, os mesmos dirigentes defendiam o estatuto da AMEA, cujos princípios preservavam as relações amadoras no futebol carioca. Essa passagem é, em boa medida, reveladora dos bastidores das transferências de futebolistas nos tempos do falso amadorismo.

Em outro fragmento, extraído da fala do protagonista D. Antônio I, é possível notar sua consciência em relação à exploração a que era submetido: “como póde um club manter um luxo destes? É o jogador que chama a multidão... e a multidão que vem às canchas traz o dinheiro”.²⁹

A conclusão apresentada pelo protagonista representava um dos principais argumentos levantados pelos futebolistas contra a prática do falso amadorismo. Os arranjos de bastidores que submetiam os atletas aos “bichos” e outras premiações, encobriam o *modus operandi* financeiro dos clubes de futebol, no qual os dirigentes e as associações dividiam entre si a maior parte dos lucros angariados com a bilheteria dos jogos. Ao ganhar centralidade no corpo discursivo do folhetim, essa questão é reverberada ao público leitor do jornal como uma denúncia da exploração do trabalho dos jogadores. Assim, o romance de Mário Filho, veiculado nas páginas de *Crítica*, pode ser interpretado como uma ferramenta inovadora de contestação e de denúncia das relações de trabalho na crônica esportiva.

Além dos “romances políticos”, outra estratégia de contestação ao mandonismo dos dirigentes, colocada em curso nas páginas *Crítica*, consistiu na veiculação das narrativas biográficas dos futebolistas. Fosse por meio das entrevistas ou reportagens, a os discursos se concentravam em desnudar os dramas, as perseguições e a miséria vivenciada pelos jogadores cariocas, a exemplo do atacante Floriano Peixoto.

Considerado entre a imprensa carioca e paulista, o melhor *center-half* do país na década de 1920,³⁰ Floriano Peixoto Corrêa foi um jogador que experimentou

²⁸ *Crítica*, Rio de Janeiro, 24 abril 1928, p. 5.

²⁹ *Crítica*, Rio de Janeiro 24 abril 1928, p. 5.

³⁰ Cf. *A Gazeta*, São Paulo 20 jan. 1926; *Crítica*, Rio de Janeiro, 9 nov. 1929; *Diário Carioca*, Rio de Janeiro 5 ago. 1939.

conquistas e frustrações no futebol brasileiro em sua fase amadora. Em sua vitoriosa carreira destacam-se os títulos de campeão da cidade do Rio Grande do Sul, atuando pelo Grêmio, campeão carioca pelo Fluminense e América-RJ, capitão da seleção carioca que conquistou os títulos brasileiros de 1925, 1927 e 1928, além da participação na seleção brasileira que disputou o Campeonato Sul-Americano no mesmo ano. Embora tivesse grande reconhecimento na imprensa, o desgaste das suas relações com os dirigentes o levou a constante de troca de clubes, situação pouco comum para os padrões da época.

Durante os preparativos para a primeira edição da Copa do Mundo, disputada no Uruguai, os redatores esportivos tentavam conjecturar quais seriam os nomes que representariam o Brasil na lista final do mundial. Mantendo habitual ligação com os jogadores, *Critica* buscou ouvir a opinião de alguns deles. De acordo com o atacante Nilo, do Botafogo, “Floriano era o maior centro-médio brasileiro e, na sua opinião, ninguém como Flori em tão belas condições para ocupar a posição de “pivot” do nosso scratch máximo”.³¹ Nilo seria convocado para o Mundial, enquanto o *center-half* Floriano Peixoto acabou fora da lista dos convocados para a competição.

De acordo com opinião de inúmeros leitores, publicadas pelo jornal *Critica*,³² Floriano Peixoto figurava entre os nomes na lista final dos 22 jogadores que atuavam no Rio de Janeiro e que disputariam a Copa do Mundo de 1930. A convocação de Floriano e Fausto do Vasco da Gama, os últimos campeões cariocas na posição de “center-half”, era dada como certa no meio futebolístico.

No caso do corte de Floriano Peixoto, segundo *Critica*, a *performance* técnica do jogador foi menosprezada em detrimento das suas querelas com os dirigentes, que culminou no parecer desfavorável da sua convocação, emitido pelo presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), Renato Pacheco. Dessa forma, o “Marechal da Vitória”, como era conhecido entre os torcedores, foi o primeiro futebolista brasileiro afastado de uma Copa do Mundo em razão da arbitrariedade da cartolagem carioca. A “desconvocação” de Floriano assumiu tom de denúncia na matéria veiculada por *Critica*:

³¹ *Critica*, Rio de Janeiro, 10 maio 1930, p.4.

³² *Critica*, Rio de Janeiro, 16 maio 1930, p.5.

A Confederação esquecendo-se de Floriano, inutilizando-o, faz com que duvidemos de seu critério na organização do scratch do paiz [...] Todos nós somos unanimes em considera-lo, senão melhor, pelo menos um dos melhores jogadores da cidade, na sua posição. Eis porque, se justifica o espanto do público, deante do esquecimento a que Flori foi condenado pela Confederação. Deante de um facto desses, tão gritante, CRITICA, tratou de fazer investigações, afim de arranjar elementos com que desvendar os mysterios do assumpto. Hoje, mercê das pesquisas a que alludimos, estamos autorizados a falar sobre o caso. Segundo apuramos de informações idoneas, não há, no facto, outra coisa que não seja uma questão de character particular entre Floriano e ao actual presidente da Confederação, questão essa levantada desde o campeonato Sul-americano de 1925, cujo thentro foi a cancha argentina. Não vamos, aqui fazer, o histórico dos factos de que resultou a desintelligencia entre os dois. Vamos, simplesmente, apresentar à opinião pública o caso em seu aspecto principal, único aspecto que interessa, de facto, à nós outros. E em qualquer hypothese não se explica que a Confederação tenha esquecido Floriano e feito o “boycott” de seu jogo. Procedendo assim, ella só tinha, à sua frente, uma porta que lhe facilitasse uma saída decorosa: e era alegar que Floriano não estava em condições de participar, não só do “scratch” máximo, como do “scratch” da cidade. Mas, essa saída gentil, foi vedada a Confederação, de modo, que, agora ella está desamparada, sem elementos de defesa [...] É simplesmente, cômico! O mais interessante disto tudo, é que estamos quasi dentro do campeonato do mundo. Emquanto os outros paizes convocam todas as forças do seu foot-ball elementos novos e extraordinários, são postos de lado, porque o presidente da Confederação reserva-se ao direito de eliminar de simples ensaios preparatórios, as victimas de suas iras Jupiter! Assim sendo, não se trata de mandar para o campeonato de Montevideo, energias capazes, elementos eficientes. Trata-se de mandar, para lá, os conhecidos, parentes e amigos e vizinhos do Sr. Renato Pacheco.³³

Em linhas gerais, percebemos que a intenção da matéria, ao confrontar as virtudes técnicas do jogador com a decisão arbitrária dos dirigentes, evidenciava que o seu corte da lista dos selecionados era resultante do conflito de interesses entre o atleta e o presidente da federação, após a disputa do Sul-Americano de 1925, na Argentina.

Futebolista dotado de capacidade intelectual destacada entre seus pares, Floriano Peixoto já havia exposto em *Critica*³⁴ o quadro da precariedade do amadorismo brasileiro em comparação com o profissionalismo praticado na Argentina. Em março de 1928, ao defender a equipe do *America Football Club*, em uma excursão internacional no país vizinho, Floriano percebeu as diferenças das relações de trabalho

³³ *Critica*, Rio de Janeiro, 17 maio 1930, p. 5.

³⁴ *Critica*, Rio de Janeiro, 13 mar. 1928, p. 4.

entre os futebolistas brasileiro e argentino. Nessa oportunidade, a seção esportiva do jornal publicou uma declaração do jogador descrevendo as vantagens que os atletas argentinos possuíam após a implantação do regime profissional naquele país. Em sua análise, o pagamento de salários aos futebolistas era uma forma de estimular o aprimoramento técnico e físico, já que eles poderiam se dedicar mais tempo aos treinamentos. De acordo com o relato de Floriano, os métodos profissionais da Associação Argentina estavam distantes da atual CBD, onde imperavam relações amadoristas recheadas de expedientes do mandonismo cartolesco.

O JORNAL *CRÍTICA* E A LEI DOS QUATRO ANOS

Em 1925, com a criação da AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos), uma norma estatutária redigida pela associação pretendia conter as constantes trocas entre os amadores nos elencos dos clubes. Na nova disposição, determinava-se que os jogadores deveriam, obrigatoriamente, cumprir o tempo de dois anos de contrato na mesma agremiação. No final do ano de 1927, a entidade tomou uma medida ainda mais rígida ao votar “lei de inscrição por quatro anos”. Com esse novo dispositivo, os atletas permaneceriam inscritos no mesmo clube até 1930, com a opção de renovar o contrato por mais quatro anos após o fim desse período.

Tal critério, criado pela entidade por imposição dos dirigentes do Fluminense, teve como objetivo conter o “mal assustador dos vãos dos amadores”,³⁵ ou seja, a regra almejava reprimir as crescentes transições típicas do vindouro modelo profissional no futebol, negando aos jogadores a possibilidade de trocar de clube após receberem propostas mais atraentes de outros.

A publicação do dispositivo gerou um caloroso debate na imprensa carioca: publicaram-se diversos posicionamentos favoráveis e contrários às cláusulas da nova medida.³⁶ Em *Crítica*, Mário Filho liderou, no final de 1929, a articulação que pretendia promover a defesa dos interesses dos futebolistas, veiculando suas reivindicações e protestos contra a lei dos quatro anos:

³⁵ *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 20 fev. 1929, p. 8.

³⁶ Os jornais *O Paiz*, *A Manhã*, *O Jornal*, *A Noite* e *Crítica* posicionaram-se contrários à medida, enquanto *O Imparcial* entendeu que a medida poderia aperfeiçoar a organização dos campeonatos.

Oswaldo de Mello, Gloria do Nosso Foot-Ball, Ergue Seu Protesto de Amador Contra a Lei de Quatro Anos”, o ídolo do América faria suas primeiras objeções contra a organização do futebol.

A lei de quatro anos reflecte bem a época em que vive o nosso football. E para que surja uma nova era para o esporte carioca, é necessário antes de mais nada, que caia essa lei, feita para profissionaes. CRITICA abre, a começar de hoje, uma campanha desabalada para que cesse esta bandalheira. Seria muito mais decente o profissionalismo escancarado, do que esse contracto vergonhoso que os clubs fazer com seus jogadores, acorbertados por uma lei de uma Associação de amadores! A lei de quatro anos é uma mancha negra para o nosso football. Creada para os profissionaes vem ferir em cheio os amadores dignos desse nome. A primeira pessoa que falou à CRITICA, pretextando contra essa bandalheira, foi Oswaldinho, o “Principe”, um dos maiores jogadores brasileiros, amador na mais alta acepção da palavra, nome que por si só, representa uma legítima glória para o nosso football. – Sim – começou Oswaldo – a lei de quatro anos é uma lei creada para profissionaes. É uma garantia que os clubs encontram para os elementos que pagam ou a quem beneficia desta ou daquella maneira. Faça-se, então, o profissionalismo escancarado, mas não se nivele os amadores como os profissionaes. Essa lei tem que cair, porém, para que ella caia, é necessário que os amadores dignos desse nome formem uma barreira intransponível para livrar o nosso football dessa sujeira (...).³⁷

A despeito da entonação laudatória que credenciava os preceitos do amadorismo, a necessidade de debater o “profissionalismo escancarado”, apresentava-se como única solução para a organização do futebol recuperar seus valores éticos diante da decadência do regime. No bojo desses acontecimentos, ao endossar uma representação dos futebolistas na AMEA, com o objetivo de anular a *Lei dos Quatro Anos*, Mário Filho e o jornal *Critica*, demarcavam sua parceria com os jogadores, figurando-se explicitamente como agentes atuantes nas relações de poder que permeavam o campo futebolístico na esfera pública.

É possível que a campanha, lançada nas páginas de *Critica*, tenha influenciado na organização de um abaixo-assinado pelos atletas, divulgado nos periódicos como um movimento “de grande número de players, pedindo os bons officios do presidente da Amea, no sentido de conseguir a revogação da famosa lei”.³⁸ Não por acaso, a anulação da *Lei dos Quatro Anos* ocorreu em março de 1931.

³⁷ *Critica*, Rio de Janeiro, 4 dez. 1929, p. 5.

³⁸ *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1930, p. 8.

Em perspectiva, podemos avaliar que o movimento encabeçado pelo periódico legitimou a representatividade dos jogadores na esfera pública ao confrontar os desmandos dos cartolas materializados pela AMEA. Assim, a derrubada da *Lei dos Quatro* anos, parece-nos um forte indício da influência da atuação do periódico e do próprio Mário Filho no campo futebolístico carioca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que não seja o objetivo deste trabalho formular uma explicação para o processo de profissionalização do futebol carioca, desenrolado no início da década de 1930, o conjunto de análises apresentadas sobre o jornal *Critica*, desconstrói, em certa medida, a tese de que tal processo teria sido conduzido apenas pelos próprios dirigentes dos clubes de futebol.³⁹

Procuramos demonstrar que, entre os anos de 1928 e 1930, período ilustrado pela frenética popularização do futebol carioca e pelas disputas políticas entre os seus dirigentes, as páginas do jornal *Critica* edificaram uma sólida relação de aproximação entre os futebolistas e os torcedores. O preço popular e a linguagem acessível do periódico possibilitavam aos leitores acessar um meio de informação, cujos princípios ideológicos refutavam os pilares da organização política do futebol carioca naquela época. Ao esmiuçar os bastidores das transações entre os clubes e dar voz aos futebolistas, o jornal contribuiu para promover a ascensão simbólica deles: de meros coadjuvantes no noticiário esportivo, os jogadores se transformaram em verdadeiros protagonistas, ganhando projeção na esfera pública, na medida em que seus dramas pessoais revelavam o cenário de exploração e submissão a que eram submetidos. Ao humanizá-los, Mário Filho, por meio das páginas do jornal *Critica*, desnudou as engrenagens de um sistema de exploração do trabalho que era, até então, invisibilizado pela efemeridade das conquistas e pelo *glamour* das festas e solenidades que cercavam o universo do futebol carioca.

O enfoque no período em que Mário Filho esteve à frente da seção de esportes do jornal *Critica*, deve-se, portanto, ao interesse do jornalista em investigar os

³⁹ CALDAS. O pontapé inicial.

bastidores do futebol e revelar o cotidiano dos jogadores, buscando transformá-los em protagonistas no processo que levou à profissionalização do futebol carioca nos anos seguintes.

Após a crise administrativa ocorrida no periódico da família, Mário Filho percorreu as redações de vários jornais cariocas até receber o convite do amigo Roberto Marinho para assumir a coordenação do caderno de esportes do jornal *O Globo*, em maio de 1931. A experiência bem-sucedida na redação de *Critica* permitiu ao jornalista dar continuidade e aperfeiçoar seu novo modelo estético de apresentar os fatos esportivos, que havia sido abruptamente interrompido.

Entre os anos de 1931 e 1932, Mario Filho prosseguiu com sua missão de dar voz aos jogadores por meio de uma série de reportagens no *Globo Sportivo*, no qual levava ao público do jornal o contato com argumentos favoráveis e contrários à transição do amadorismo para o profissionalismo em curso no futebol brasileiro. Com efeito, o jornalista aprimorou o trabalho de instrumentalização das entrevistas, ampliando as possibilidades de visualizar as várias dimensões da vida dos futebolistas, com enfoque nas mazelas que cercavam suas relações de trabalho.

* * *

REFERÊNCIAS

A Gazeta, São Paulo, 20 jan. 1926.

A Imprensa, Rio de Janeiro, 2 maio 1908.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 207-220.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre televisão**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

COUTO, André Alexandre Guimaraes. **A hora e a vez dos esportes**: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950). 2011. 202 p. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Formação de Professores, UERJ, 2011.

COUTO, André Alexandre Guimarães. A imprensa esportiva carioca (décadas de 1940-1960). Arquivo Público do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, **Revista do Arquivo Público do Rio de Janeiro**, n. 13, p. 509-521, 2017.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 23 jan. 1923.

Critica, Rio de Janeiro, 1927-1930 [Seleção].

Diário Carioca, Rio de Janeiro, 1929-1930 [Seleção].

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 28 mar. 1907.

KOSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Atêlie Editorial, 2003.

LEVY, Maria Bárbara. **A indústria do Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MELO, Victor Andrade de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MELO, Victor de Andrade (Orgs.) **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva do Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Campeão da virulência. c.2011. Disponível em: <https://bit.ly/3fjSLke>. Acesso em: 28 set. 2019.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Classes médias urbanas: formação, natureza, intervenção na vida cotidiana. In: FAUSTO, Boris (Org.) **O Brasil Republicano**, tomo III: Sociedades e instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 7-37. (Coleção História Geral da Civilização Brasileira).

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução vascaína**: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). 2010. 490f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol**: o Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Maud, 1999.

* * *

Recebido para publicação em: 18 dez. 2020.
Aprovado em: 25 maio 2021.